

ALGUMAS REFLEXÕES E CONSIDERAÇÕES SOBRE A VERDADE – Setembro 2009

Depois de gastar algum tempo meditando sobre o tema da **verdade**, por considerá-lo de grande importância, seja na reflexão jurídica, seja na reflexão científica e filosófica, decidi escrever um pouco sobre o assunto, visando organizar meu pensamento, e compartilhar estas reflexões com algumas pessoas, como já venho fazendo.

Começo por destacar que a palavra **verdade**, tem sido empregada em vários sentidos, muitos deles distantes daquele que pretendemos atribuir nestas reflexões. Há quem use a palavra **verdade** no sentido de “*reconstrução fática*”, como ocorre no direito processual na qual a **busca da verdade** tem o sentido de “*reconstrução dos fatos e de sua dinâmica*”. Outros empregam a palavra **verdade** como sinônima de “*ponto de vista*”, de “*compreensão*” ou mesmo “*juízo de valor*”. Estas palavras e expressões, devido ao alto grau de subjetividade, induzem a opinião comum segundo a qual *cada um tem a sua verdade*, com isto querendo dizer que cada um tem o seu **ponto de vista**, a sua perspectiva, a sua opinião, a sua solução para um determinado problema.

O tema da **verdade**, por certo, desperta maior interesse para alguns profissionais cuja atividade e o êxito de seus trabalhos dependem do grau de **certeza** de suas afirmações.

Assim ocorre com os jornalistas, quando descobrem determinado fato e buscam confirmar aquela notícia com documentos que possam provar sua veracidade. O mesmo se dá com os promotores, advogados e delegados de polícia, que dependem da *fidelidade da reconstrução fática* para pautar sua atuação. Fala-se aqui na busca da **verdade real** (o mais elevado grau de fidelidade na reconstrução dos fatos), da **verdade formal** ou processual (elementos levados aos autos de um processo, suficientes para criar presunção e permitir o julgamento da causa).

Há ainda outras atividades econômicas, como **a securitária**, em que o interesse pela **verdade** é muito grande, pois, saber se determinado fato ocorreu desta ou daquela maneira (se a morte foi **natural** ou **acidental**, se ocorreu um **furto mediante fraude** ou um **estelionato**, se houve um erro de **projeto** ou de **execução** da obra, etc.), terá reflexos importantíssimos sobre a execução do contrato.

Também os cientistas que fazem pesquisas em laboratório, procuram ampliar seus conhecimentos e ficar mais perto da **verdade** sobre seu **objeto de estudo** e sobre sua área de atuação.

Finalmente, podemos dizer que todo ser humano, vive em busca de muitas **verdades**, das quais depende para realização do seu projeto de felicidade.

Interessa-me saber, por exemplo, se a gordura do abacate faz bem ou mal à saúde (**verdade à serviço da saúde**). Interessa-me saber quais empresas ou setores possuem maior possibilidade de crescimento futuro, para que possa fazer bons investimentos (**verdade sobre tendências econômicas**). Interessa-me saber se a harmonia no relacionamento conjugal interfere no aprendizado dos meus filhos (**verdade psico-pedagógica**). Interessa-me saber a orientação atual do STF em matéria de creditamento de IPI, para empresas isentas ou que vendam produtos com alíquota zero, para bem atender aos meus clientes (**verdade tributária**), e assim por diante.

Além da busca de **verdades** específicas, a **boa conjugação** destas diversas verdades (econômica, ecológica, psico-pedagógica, médica, etc), pode contribuir para levar o homem a realização de seu projeto pessoal de **felicidade**. Assim como sucede num processo, em que as diversas provas (testemunhal, pericial, documental) podem ajudar o juiz a formar uma visão privilegiada – como sucede com um mosaico – também na vida humana, as diversas verdades podem levar a encontrar algo superior a elas (para alguns o sentido da vida, para outros a plena felicidade, etc).

Mas antes de prosseguir neste raciocínio, é preciso enfrentar uma questão primeira que consiste em saber **o que é a verdade como tal, considerada em si mesma?** (e não em relação às coisas que investigamos).

Antes de considerar as verdades em cada área do conhecimento, é possível pensar num conceito abstrato de **verdade?** Como defini-la?

Toda definição é difícil e perigosa (*omnis definitio periculosa est*), já diziam os romanos. Definir, como sabemos, é **dizer o que uma coisa é ou o que uma palavra significa.**

As definições, por mais precisas que pareçam, enquanto enunciados, também constituem uma **etapa no caminho** da verdade.

Também convém considerar que muitas outras palavras que expressam conceitos amplamente conhecidos, se nos apresentam com alto grau de dificuldade de buscarmos sua definição, como é o caso dos conceitos de **tempo¹, justiça, lei, liberdade, e tantos outros.**

Como ponto de partida desta reflexão podemos tomar o conceito utilizado pelo filósofo alemão Martin Heidegger (em seu estudo intitulado: Sobre a essência da verdade), que a define como “ *a adequação da inteligência à coisa (material ou imaterial) objeto de apreciação.*”

Se a minha inteligência estabelece uma **relação de adequação** entre aquilo que se apresenta (coisa ou idéia) e o conceito que tenho ou que admito, então aceitamos esta relação (ou enunciado ou definição) como verdadeira.

Este é o primeiro conceito que os dicionários apresentam da palavra verdade: **conformidade com o real** (Novo Aurélio, 2ª edição, p. 1765).

¹ - Que é, pois, o tempo? Quem poderá explica-lo clara e brevemente? Quem o poderá apreender, mesmo só com o pensamento, para depois nos traduzir por palavras os seus conceitos? E que assunto mais familiar e mais batido em nossas conversas do que o tempo? Quando dele falamos, compreendemos o que dizemos. Compreendemos também o que nos dizem quando dele nos falam. O que é por conseguinte o tempo? **Se ninguém mo perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta já não sei.** (Santo Agostinho, Confissões, Livro XI, O que é o tempo, p. 322 - coleção Os Pensadores, Nova Cultural)

Não há como fugir disto. Se me proponho a falar/escrever ou ensinar sobre **testamento**, por exemplo, depois de considerar e conceituar o instituto, tenho que apresentar uma definição de testamento, que me permitirá, inclusive, compara-la com outras definições (legais ou doutrinárias), de modo a poder criticar as que rechacei, apontando em que medida são incompletas, contraditórias, imprecisas, etc. É assim que a ciência do direito vai avançando, por meio de maior rigor e precisão terminológica².

Considerando que a inteligência analisa as coisas **materiais** com os **sentidos** e as **conceituais ou abstratas** com a **inteligência**, resultam daí as inúmeras dificuldades de acessar a **verdade**, pois os sentidos nos enganam e os conceitos podem ser imperfeitos ou insuficientes.

O progresso da humanidade pode ser sentido pela capacidade de aprimoramento e lapidação dos conceitos das diversas **verdades** que lhe interessam. Para um maior aprofundamento do que se acabou de falar, em termos de busca de uma definição que obedeça determinadas regras, ver a obra: “Os Tópicos” de Aristóteles.

Há quem estabeleça certos graus de relação (ou estados) da mente humana em face da **verdade**, a saber:

Ignorância – é o desconhecimento total, que nos incapacita a afirmar ou negar;

Erro – juízo construído sobre premissa falsa, ou sobre a **aparência** da realidade;

Dúvida – incompletude de informações que nos leve a afirmar ou negar;

² - Uma comparação entre o Código Civil atual e o anterior, permite detectar inúmeros artigos em que houve claro avanço, decorrente deste maior rigor terminológico, próprio do progresso científico, como se vê, por exemplo, no tratamento da **prescrição e da decadência** que no Código anterior geravam enorme confusão, por encontrarem agrupados num mesmo artigo (178). No campo das nulidades, o CC anterior também deixou a desejar, servindo de expressões imprecisas (ver a título de exemplo os artigos 1.133 do CC anterior e o artigo 496 do CC/02) entre outros.

Certeza – é o estado subjetivo de convicção capaz de afirmar. Neste estado a afirmação pode não ser verdadeira ou pode não existir meios científicos de prova, como se dá, por exemplo, com as verdades reveladas pela fé.

Evidência – é o estado objetivo de apresentação da realidade.

Verdade – é a conformidade com a realidade (o real aqui não tem o sentido puramente físico, material).

Nota-se que os **vícios de atos jurídicos** da maioria das legislações ocidentais levam em consideração esta “*capacidade de conhecer*” para avaliar o processo cognitivo-decisório que precede a manifestação de vontade de contrair obrigação. Na coação, na lesão e no estado de perigo, o vício não está na **cognição**, mas na manifestação da **vontade**³.

A análise e investigação das coisas **materiais** está à cargo das **ciências naturais**, que tiveram grande avanço a partir da concepção **positivista**⁴, que inaugurou uma nova fase, verdadeira mudança de paradigma, passando a privilegiar a análise dos fatos, o “como é” das coisas, deixando a investigação de outras **verdades (metafísicas)** à cargo da filosofia e da teologia, cujo foco é conhecer o *quid*, “o que é”.

Hoje em dia as **ciências naturais** alcançaram um estágio muito elevado. A investigação do “modo de ser” das coisas, permitiu ao homem realizar grandes descobertas. Os instrumentos de análise visual, como os poderosos microscópios, aliados à capacidade de promover reações químico-físicas em laboratórios, e a realização de repetidos testes (em plantas, animais e até mesmo em seres humanos) em condições até então inexistentes, e, sobretudo o armazenamento e compartilhamento de informações, permitiu

³ - Conhece-se pela **inteligência** e age-se pela **vontade**. Um fumante é capaz de saber que o cigarro lhe faz mal, no entanto sua **vontade** (debilitada pelo vício) é incapaz de agir segundo o que sua inteligência esclarecida compreendeu.

⁴ - A palavra positivismo foi empregada não no sentido de “direito legislado”, mas no sentido que lhe deu Augusto Comte. Para Dino F. Fontana o positivismo caracteriza-se pela preocupação do homem restringir-se aos fatos e de tentar explicá-los através de suas leis. De **ater-se ao que está posto** ou dado pela experiência e abster-se de procurar as causas últimas e princípios das coisas. É contrária ao conhecimento absoluto, negando, pois a metafísica. (História da Filosofia, Psicologia e Lógica, Saraiva, p. 177)

ao homem dar largos passos na compreensão de inúmeros fenômenos naturais e **dominar a técnica**, com isto aumentando a produção, e a velocidade dos processos (deslocamento físico, telecomunicações, transmissão de dados). As ciências foram sub-ramificando-se de uma forma avassaladora. Basta pensar na geologia, na vulcanologia, na espeleologia, na meteorologia, que nos permitem fazer a previsão do tempo, conhecer as riquezas existentes no sub-solo, quiçá, quando haverá nova erupção vulcânica ou deslocamentos de placas tectônicas, etc.

Ninguém imaginava há 100 anos atrás, que pudesse haver vida marinha em águas com profundidade superior a 1.000 metros, pois a pressão, a ausência de luz, e a existência de fontes de sulfeto superaquecidas tornavam impossível a realização destas pesquisas.

Assim, podemos concluir neste primeiro momento que a **certeza** que o homem possui em relação a determinadas **verdades** (econômicas, biológicas, físicas, etc) tende a aumentar na medida do acúmulo de informações (pesquisas) que se possui a respeito de destes assuntos.

É exatamente por esta **maior proximidade da verdade** que tendemos a procurar os profissionais de cada área de conhecimento (médicos, engenheiros, advogados, psicólogos, etc), pois não temos a menor dúvida que o tempo empregado por eles na procura das verdades (acerca de seu objeto de estudo), é muito superior ao nosso, de modo que abrimos mão das poucas informações que temos e nos propomos a pagar para que outros nos aconselhem.

Neste mesmo sentido caminham as especialidades. O especialista é alguém que possui maior tempo de dedicação e estudo na busca da verdade sobre determinado sub-ramo do conhecimento, comparado aos seus colegas. Por isto nos sentimos mais seguros em procurar um **oftalmologista** para um problema de visão do que um **clínico geral**.

As verdades naturais podem ser alcançadas pelo homem, que para tanto, deve dedicar tempo de estudo para conhecê-las. Quando se diz que *cada*

homem possui a sua verdade, também se pode interpretar esta afirmação, no sentido de que, cada homem encontrar-se em determinado **ponto do caminho** – que tem início com a ignorância até chegar a plena verdade.

Da verdade científica e os parâmetros éticos.

Ninguém hoje em dia põe em dúvida o que a ciência é capaz de fazer⁵, o que passou a ser objeto de indagação é se o homem **deve fazer**.

Muito embora o desenvolvimento científico tenha trazido muitos bens para o homem, a concentração deste conhecimento nas mãos de poucas pessoas, a falta de limites ou de preocupações com os efeitos do que se tem produzido merece nossa reflexão.

A experimentação de medicamentos em seres humanos⁶, a exploração na venda de remédios necessários à sobrevivência⁷, o uso de armas biológicas (Antrax), as bombas atômicas, a radiação nuclear, o lixo tóxico, foram todos frutos de pesquisas científicas. Trata-se de tema de interesse de toda a humanidade.

Por isto é que a Bio-Ética nasceu com o propósito de balizar, colocar os limites da pesquisa, pois em princípio, tudo é possível de ser pesquisado. Elio Sgregia, falando o surgimento dos principais centros de Bioética do mundo, registra quais seriam seus objetivos:

“ Os fins específicos de sua atividade são: enfrentar e tentar resolver os problemas éticos suscitados pelo progresso das ciências biomédicas e da própria profissão médica; educar o público em geral sobre a importância

⁵ - Alguém duvidaria da capacidade de gerar um homem com duas cabeças ou com quatro pernas?

⁶ - Ver a propósito o filme **O Jardineiro fiel**, que mostra que a indústria farmacêutica fazia teste de seus remédios em vários países africanos.

⁷ - O Brasil foi um dos primeiros países no mundo a promover a quebra de patentes de remédios, de modo a baratear sua produção e permitir que um número maior de doentes tivessem acesso aos medicamentos contra o vírus HIV. A indústria farmacêutica tem maior compromisso com seus acionistas do que com os doentes (ver a propósito do tema o documentário THE CORPORATION).

ética de muitas descobertas científicas; contribuir para a elaboração de diretivas para muitos problemas morais difíceis da sociedade contemporânea, como por exemplo, a AIDS, a suspensão de terapias de manutenção de vida, a reprodução artificial, o diagnóstico pré-natal, a distribuição de fundos na área da saúde.”⁸

Das verdades inacessíveis à ciência ou reveladas.

Como vimos, a mudança de paradigmas trazidas pelo **positivismo** deu um impulso nunca visto às ciências naturais, os benefícios trazidos pelo domínio da técnica são inegáveis: aumento de produtividade e de riquezas, aumento do consumo de bens, melhora da qualidade e aumento do tempo de vida, erradicação de doenças, aparecimento da anestesia, eliminação paulatina da dor, etc.

Tais conquistas são tão evidentes, que tornou-se lugar comum associar **ciência com progresso e bem estar**, e opor-se a tudo que faça lembrar a velha musa⁹ (filosofia, metatísica e teologia) como algo ultrapassado, decadente, retrógrado e preconceituoso.

No entanto, a busca de um conhecimento interdisciplinar – característico da pós-modernidade - não deve ser visto tão somente como um diálogo apenas entre as próprias ciências, ou de sub-ramos da ciência, mas também deve abranger o conhecimento não científico.

⁸ - Manuel de Bioética – Fundamentos e Ética Biomédica, volume I, p. 26

⁹ - Referência à passagem do poema épico OS LUZIADAS, na qual Camões exalta os feitos dos portugueses, acreditando que teriam superado o legado deixado pelos gregos e pelos romanos (o que se demonstrou falso):

Cessem do sábio grego e do troiano
As navegações grandes que fizeram
Cale-se de Alexandre e de Trajano
A famas das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito ilustre lusitano,
A quem Netuno e Marte obedeceram,
Cesse tudo o **que musa antiga canta**,
Que outro valor mais algo se alevanta.

As ciências também necessitam dialogar com a ética, com a filosofia, com a teologia, pois o homem é um ser racional e religioso.

Todos os povos, de todas as épocas e lugares, sempre tiveram presentes em sua cultura, a crença na existência de uma vida que fosse além da morte, da existência de deuses¹⁰ ou de um Deus.

Existem outras verdades, **metafísicas**¹¹, que interessam também ao homem¹², com as quais é necessário saber dialogar.

Bem, justiça, verdade, são conceitos fortemente presentes na vida do homem e interferem no seu projeto de felicidade. A existência de alma ou de Deus não são comprovadas pelas leis físicas. Investigar e procurar estas verdades são importantes para a maioria dos seres humanos, embora aqui seus avanços tendem a ser muito mais limitados do que vemos nas ciências naturais.

¹⁰ - Os egípcios acreditavam em várias divindades (é conhecida a passagem em que Moisés, tentando libertar o povo hebreu em nome de Deus, se vê obrigado a enfrentar os sacerdotes do Faraó que invocam o poder do deus Rá). Os gregos acreditavam que existiam diversos deuses no Olimpo que se relacionavam com os seres humanos (os filósofos deram início a um processo crítico de desmitologização, por isto foram mal vistos pela população. Sócrates, além de condenado por perverter a juventude e os valores da sociedade, ainda foi duramente satirizado na comédia AS NUVENS de Aristófanes). Os romanos também tinham suas divindades (ver a propósito do tema as Cartas e estudos de Cícero). Os bárbaros alemães também tinham sua divindade (Thor, que virou desenho animado nas TVs era o deus do trovão). Os assírios acreditavam em Astarte. Os babilônios em Zoroastro. Os astecas também ofereciam sacrifícios em Tinochtlan ao deus Sol, e assim sucessivamente.

¹¹ - Usamos a palavra Metafísica, para significar transcendência, que está além do físico.

Há metafísica bastante em não pensar em nada.

O que penso eu do mundo?

Sei lá o que penso do mundo!

Se eu adoecesse pensaria nisto. (Fernando Pessoa, Obra Poética, Aguilar, p. 206)

¹² - Há vida após a morte? Deus existe? Existe salvação ou condenação? Os atos que pratico nesta vida podem influenciar no meu destino depois da morte? Os gregos já refletiam sobre estas questões há mais de 400 AC, como pode ser visto neste trecho do Fédon de Platão: “ (...) se verdadeiramente a alma é imortal, cumpre que zelemos por ela, não só durante o tempo atual, isso a que chamamos viver, mas também pela totalidade do tempo; pois seria um grande perigo não se preocupar com ela. Admitamos que a morte nada mais seja do que uma total dissolução de tudo. Que admirável sorte não estaria reservada aos maus, que se veriam nesse momento libertos de seu corpo, de sua alma e da própria maldade! Mas, em realidade, uma vez evidenciado que a alma é imortal, não existirá para ela nenhuma fuga possível a seus males, nenhuma salvação, a não ser tornando-se melhor e mais sábia. A alma, com efeito, nada mais tem consigo, quando chega ao Hades, do que sua formação moral e seu regime de vida - o que aliás, segundo a tradição, é justamente o que mais vale ou prejudica ao morto, desde o início da viagem que o conduz ao além. (Fédon, p. 115 coleção Os Pensadores, Platão, Ed. Abril, 1983).

Exatamente por recebê-las, chamam-se **reveladas**. Neste sentido estão o decálogo e as leis mosaicas para os Judeus, os evangelhos (novo testamento) para os Cristãos e o Alcorão para os Muçulmanos.

Diferentemente do que vimos na caminhada em direção à verdade que possui estágios da mente, aqui não existe semelhante graduação, pois a verdade é revelada com absoluta autoridade e convicção¹³.

Isto tende a causar alguma dificuldade de compreensão, sobretudo para aqueles que não possuem fé.

Para um cientista (sem fé) torna-se difícil aceitar que um homem analfabeto tenha forte **convicção** em determinada **verdade** - que não lhe custou tempo algum de estudo e da qual ele não sabe das as razões do sua convicção.

É que as verdades reveladas pela fé dizem respeito à existência e natureza de Deus – que nem sempre estão acessíveis à compreensão¹⁴ – sobre a existência de vida após a morte – o que também não pode ser comprovado, ficando no campo das **promessas** – e por fim todo um regramento moral, que implica em condutas e comportamentos que impõe um estilo de vida.

A admissão de verdades religiosas, implica, na maioria das vezes, na modificação de comportamentos¹⁵. Quando isto ocorre, chama-se conversão.

O progresso das civilizações sempre se deu pelo encontro entre culturas diferentes, pois aquilo que é bom em determinada cultura, tende a ser

¹³ - Cristo não se limita a pregar e ensinar a verdade, mas se identifica com ela ao dizer: **Eu sou** o caminho, **a verdade** e a vida, ninguém vai ao Pai senão por mim.

¹⁴ - Teólogos cristãos tiveram grande dificuldade de explicar racionalmente a Santíssima Trindade (três Deuses em um só Deus) e a natureza humana e divina de Jesus Cristo numa só pessoa.

¹⁵ - Também em outros âmbitos tal admissão implica em mudanças de comportamentos. Se determinado comerciante descobre que seu fornecedor adquire mercadoria roubada, e por isto tem melhor preço, o natural será que deixe de fazer negócios com aquele fornecedor e passe a adquirir os mesmos produtos de outro, para não ficar em situação de risco.

absorvido pelas outras. Do mesmo modo, a interdisciplinariedade não pode fechar-se em dialogar apenas e tão somente entre as ciências, mas estar abertas ao diálogo com os conhecimentos metafísicos. Traço mais evidente deste encontro é exatamente a bio-ética que permite o estabelecimento do diálogo entre as pesquisas e os limites impostos pela ética.

Conclusão

Terminamos estas breves reflexões, sabendo, por um lado, que há muito a ser pesquisado e dito sobre este tema, mas por outro lado, desejoso de contribuir para despertar o interesse daqueles que necessitam refletir mais sobre a verdade como uma ferramenta útil, destinada a esculpir o ideal de justiça, de felicidade ou mesmo ajudar a encontrar o sentido da vida.

Laudo Arthur

Advogado

Setembro de 2.009